



*Identidade!* é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

**AUTORIAS: ENCRUZILHADAS DO  
COTIDIANO FEMININO NEGRO**

**AUTHORSHIPS: DAILY  
CROSSROADS OF BLACK WOMEN**

### ***Isabelle Sanches Pereira***

Professora na Universidade do Estado da Bahia UNEB – Campus XI – Serrinha. Doutora em Estudos Étnicos e Africanos/UFBA. Contato: bellauneb@gmail.com

### ***Micaele Damasceno***

Graduanda em Licenciatura em Pedagogia – DEDCXI-UNEB. Contato: micaeledamascenoj@gmail.com

**Resumo:** Neste texto trago reflexões sobre como tenho pensado a autoria de mulheres negras. Apresento a experiência do Grupo de Leitura Encontro de Autorias<sup>1</sup>, que estimula aproximações com a literatura de pensadora negras, a partir de debates sobre o livro “Primavera para as Rosas Negras”, de Lélia Gonzalez, envolvendo estudantes da graduação e da pós-graduação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Compartilho os caminhos vivenciados por essa experiência, que possibilitou o acesso à produção acadêmica da filósofa, antropóloga, professora e ativista do movimento negro. O processo de identificação gerado nas/os participantes do Grupo de Leitura, a partir dos textos de Lélia Gonzalez, motivaram a realização da “Oficina de Criação Literária: Cartas para Lélia Gonzalez”, com o intuito de estimular a produção de cartas pelas/os estudantes, o que resultou na proposta de escrita do E-book: “Cartas para Lélia Gonzalez”.

**Palavras-chave:** Autorias. Encruzilhadas. Identidades. Escrita de Mulheres Negras.

**Abstract:** In this text I bring reflections on how I have thought about the authorship of black women. I present the experience of the Encontro de Autorias Reading Group<sup>2</sup>, which stimulates approaches to the literature of black thinkers, based on debates on the book “Spring for the Black Roses”, by Lélia Gonzalez, involving undergraduate and graduate students from State University of Bahia (UNEB), State University of Feira de Santana, Federal University of Pernambuco (UFPE). I share the paths lived by this experience, which enabled access to the academic production of the philosopher, anthropologist, teacher, and activist of the black movement. The identification process generated in the Reading Group participants, from the texts of Lélia Gonzalez, motivated the realization of the “Literary Creation Workshop: Letters to Lélia Gonzalez”, with the aim of stimulating the production of letters by the students, which resulted in the proposal to write the E-book: “Letters to Lélia Gonzalez”.

**Keywords:** Authors. Crossroads. Identities. Writing by Black Women.

<sup>1</sup> Ação do Grupo de Pesquisa Território, Cultura e Ações Coletivas (TECEMOS) – Linha de Pesquisa Cultura, Corporeidade e Identidades.

<sup>2</sup> Organized by the Research Group of Territory, Culture and Collective Actions (TECEMOS) – Research Line in the Culture, Corporeality, and Identities.

## Primeiras palavras

[...] Ofereço-te Exu  
o ebó das minhas palavras  
Neste padê que te consagra não eu  
Porém os meus e teus irmãos e irmãs em Olorum nosso Pai.  
Laroyê!<sup>3</sup>

Escrever um texto numa pandemia<sup>4</sup> mundial é um intento controverso. Ao mesmo tempo em que se debate, em meio aos desequilíbrios vividos diante práticas de governo genocidas, a morte de mais de 400 mil pessoas, ecossistemas destruídos, me re-une com meu corpo este território abrigo, movimentando-o através da energia da escrita, num tempo em que “a tristeza é senhora, tudo demorando em ser tão ruim”<sup>5</sup>.

Não há outro de lugar de fala agora. Não há, não há! Deste lugar, peço agô<sup>6</sup> a Exu, mensageiro, de canais largos, vastos, profundos de mediação. Ele, como movimento, um escritor e difusor de textualidades é, para mim, quem pode me autorizar, desenrolar o novelo dos caminhos da palavra. Todas elas, falada, escrita... “Exu figura como veículo instaurador da própria narração”<sup>7</sup>. Junto a ele, sua mãe, a dona da cabaça por onde desaguam, correm as ideias, Iemanjá. A ela me dirijo pedindo o conforto do orî<sup>8</sup>, para uma fluida expressão, comunicação neste texto.

Dessa maneira, as reflexões apresentadas nascem da minha própria movimentação interna em relação à escrita. A palavra escrita aqui apresenta, representa, neste momento, as formas como percorro minhas próprias demandas, na lida com a minha autoria.

Na minha tese de doutorado<sup>9</sup> penso a autoria de mulheres negras, lideranças religiosas do candomblé, como processos de resistência no campo da literatura negra, espaço no qual

<sup>3</sup> Excerto do poema Padê de Exu Libertador, NASCIMENTO, Abdias. *Axés do sangue e da esperança (orikis)*. Rio de Janeiro: Achiamé/RIOARTE, 1983, p. 31-36.

<sup>4</sup> No primeiro semestre de 2020, a COVID-19, doença causada por um vírus da família dos coronavírus, atingiu todos os continentes, sendo classificada como uma pandemia.

<sup>5</sup> De Caetano Veloso, música: a tristeza é senhora.

<sup>6</sup> Àgô, saudação, com a qual sempre peço licença aos meus ancestrais e protetores para compartilhar conhecimentos e dar início às minhas palavras. As palavras africanas quando aparecem nos meus textos são “traduzidas”, no sentido de correspondência com a língua portuguesa, a partir da consulta a pessoas mais velhas do candomblé, e, também, do que conheço enquanto iniciada, Omorixá de Oxum.

<sup>7</sup> MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: O reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997, p. 23.

<sup>8</sup> Cabeça.

<sup>9</sup> A tese, defendida em 2018, é resultado da pesquisa sobre obras de mulheres negras lideranças do candomblé e circulação dessa literatura na escola. PEREIRA, Isabelle Sanches. “*Onde eu me acho no direito de escrever*”: reflexões sobre obras literárias de autoria de mulheres lideranças religiosas do candomblé e sua inserção na

muitas estratégias de enfrentamento ao racismo foram historicamente forjadas. Na pesquisa, a escrita de si foi tratada como um campo de conhecimentos, onde modos de fazer literatura, as produções literárias de mulheres negras são assumidas como fluxos atravessados por suas vivências coletivas, letramentos. Suas autorias são abordadas como etnométodos, atos enraizados na interculturalidade das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas, sem oposições entre a oralidade e escrita.

Assim, as pistas que lá surgiram, me permitiram continuar pensando a autoria como fluxo de conhecimentos produzidos na prática cotidiana. A partir dessa ideia tenho me envolvido, buscando construir oportunidades de ampliar, partilhar duas reflexões: a primeira, sobre as autorias de mulheres negras como encruzilhada intercultural; a segunda, sobre a escrita de si como um modo de escrever ligado a saberes-fazeres culturais, dando um caráter coletivo ao “si”.

Considero encruzilhada uma representação interessante para se pensar as autorias negras, como um desengancho epistemológico. A partir dela, podemos conceber as autorias como conhecimentos que são cotidianos, possíveis, não dependem de validações, por serem entrecruzadas pelos saberes-fazeres que compõem o universo em que ele se encontra. Na encruza, as autorias não são só categorias, mas cosmovisões.

Nessa cadência, os processos de ser autora podem ser encontrados, lidos nas e com próprias autoras. Ganham a fluidez de poder ser, ter um movimento de retorno no tempo-espaço, extrapolando as cercas dos conceitos, na medida em que as ancestralidades presentes nas dinâmicas interculturais são dimensões *sankofas*<sup>10</sup>, imigrantes diaspóricas dos tempos passados, refugiadas do chamado presente, e fascinadas pelo futuro. Nas autorias, o passado, o presente e o futuro se inter cruzam, ao modo de encruzilhadas. “A cultura negra é uma cultura de encruzilhadas”<sup>11</sup>.

## O Escrever na Literatura Afro-Brasileira

---

escola. 2018. 271 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

<sup>10</sup> O *sankofa*, parte de um conjunto de ideogramas chamados *adinkra*, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido por: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. Fonte: IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros. Disponível em: <https://ipeafro.org.br>. Acesso em: 1 nov. 2021.

<sup>11</sup> MARTINS, 1997.

Segundo Ahmed Salman Rushdie<sup>12</sup>, ensaísta e escritor de ficção indiano radicado na Inglaterra, a função do(a) escritor(a) é nomear o inominável, apontar as fraudes, tomar partido, despertar discussões, dar forma ao mundo e impedir que adormeça. Ao nos debruçarmos sobre os estudos literários na contemporaneidade, somos levadas(os), muitas vezes, a pensar a literatura inserida em toda uma tradição cultural canônica, e não numa perspectiva mais ampla, plural, de tradições literárias onde atuam aspectos sociais, históricos, políticos, filosóficos, dentre outros.

A tradição cultural nos afeta? Ou, dito de outra maneira, em que medida ela continua a ser contemporânea, e em que medida a própria contemporaneidade age, reage na relação com essa tradição transformando-a, reorganizando-a? Tais questões fazem pensar que o significado de contemporâneo está no ser contemporâneo, como nos diz Agambem, ao questionar coisas como: “de quem e do que somos contemporâneos?”<sup>13</sup> Nessa dinâmica, a tradição não está morta e muito menos o ser contemporâneo está condenado à morte pelo anúncio do futuro e pela relação com o presente que, de maneira veloz, já se torna passado.

O ato de escrever faz conexões entre tempos históricos, situa como vivem mulheres, homens, suas famílias, referências ancestrais, formas de participação possíveis e inventadas na vida pública, onde são construídas suas identidades, expressando valores morais, sexuais, espirituais, religiosos. Na escrita de si há um imbricamento entre subjetividade e linguagem, que se coloca como um estilo de escrita que pode, ao mesmo tempo, estar dotada de leveza e contundência na abordagem da vida. Assim, escrever, de certa maneira, é um exercício permanente de construção e reconstrução das identidades e, por sua vez, nesse tipo de escrita é possível perceber que o ato de escrever é também o ato de se mostrar ao outro<sup>14</sup>.

A literatura brasileira, pensada enquanto campo de escrita e reescrita de identidades, é marcada por uma tradição eurografocêntrica, que historicamente se exime deste exercício apontado por Foucault. Do lugar de arte, embalada pela roupagem elitista e excludente, voltada para determinados grupos, em condições de acessar livros e à leitura, por poder comprá-los, sua circulação predominante, durante séculos, esteve e ainda está entre pessoas de classes prestigiadas economicamente, e pouco presente entre índios e negros, seguimentos que sempre compuseram os grupos mais pobres.

---

<sup>12</sup> RUSHDIE, Ahmed Salman. *Os versos satânicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>13</sup> AGAMBEM, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinicius Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2013.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2009.

Uma certa democratização da educação, com crescimento da alfabetização no início do século XX, no Brasil, propicia o acesso maior à leitura, sobretudo com o papel de representação de povos, lugares e ideias. Dessa maneira, a literatura assumiu um lugar privilegiado de comunicar ideologias, associadas à língua portuguesa, aos fatos históricos, influenciando leitores e os contextos em que é lida.

A literatura, pensada aqui como um amplo campo de produções literárias, poéticas, acontece movimentando a realidade e a ficção, estabelecendo relações intrínsecas entres esses mundos, o que permite a existência de autores/as diversos, como modos diferentes de escrever a partir dos interesses e contextos em que atuam. O/a escritor/a não vive isolado, vive numa sociedade, num determinado tempo e lugar, portanto sua escrita reflete os efeitos dessas dimensões, fatores fundamentais para seu processo criativo.

A literatura afro-brasileira emerge buscando reverter representações negativas construídas historicamente sobre os modos de vida, signos e aspectos das culturas africanas. Autores/as afro-brasileiros/as se dedicam a instituir e alterar os impactos negativos das tentativas de epistemicídio sobre as identidades indígenas e negras, através da literatura.

Dessa maneira, na literatura afro-brasileira, escritores/as atuam como mineradores/as da cultura africana, as experiências contemporâneas afro-brasileiras. Cumprem o papel de expressar tradições, estéticas, espiritualidades, modos de produzir a vida material, entre as matrizes culturais africanas e as raízes brasileiras, afirmando, assim, as manifestações afro-brasileiras representadas na expressão: “Lá e Cá”, utilizada pelo fotógrafo Sergio Guerra, para dar nome à exposição fotográfica, em 2006, que revelava as semelhanças entre Brasil e Angola<sup>15</sup>.

Essas semelhanças são marcadas por condições e situações vivenciadas na diáspora e deram origem aos muitos modos de expressão da cultura africana pelo mundo. Pensar na tradição considerando essa dinâmica diaspórica, me ajuda a refletir sobre o papel relevante da literatura para a educação, como linguagem, campo das artes de produção e comunicação.

Ao refletir sobre as autorias, como encruzilhadas dos percursos de escrita, penso que, por um lado, essas autoras, de certa forma, ignoram as interdições presentes na sociedade sobre

---

<sup>15</sup> Retrato das similaridades entre a Feira de São Joaquim em Salvador e o Mercado de São Paulo, em Luanda. Através de retratos dos dois mercados livres mais populares dos dois países foram exibidas no próprio espaço da Feira de São Joaquim, que teve os seus 34 mil metros quadrados transformados em uma galeria a céu aberto, com 438 fotografias distribuídas em paredes, fachadas e nos boxes dos feirantes. A partir das exposições foi lançado o livro *Lá e Cá*. GUERRA, Sergio. *Lá e Cá: um encontro de São Paulo com São Joaquim*. Salvador, BA: Maianga, 2006.

quem pode escrever e o que se deve escrever para que seja considerado literatura, e se apropriam de espaços geralmente ocupados por outras pessoas, na maioria das vezes homens brancos. Por outro, me questiono em que medida autoras afro-brasileiras, como no caso das mães de santo, cujas obras analisei na minha tese de doutorado, já mencionada, tomarem a literatura, mesmo sem isso fazer parte de seus objetivos, criam processos insubmissos em relação à natureza e à função desta enquanto arte, ciência e área de conhecimento, ao desempenharem a tarefa de explicitar trajetórias de conhecimento invisibilizados, discriminados pelo preconceito racial no Brasil.

A literatura produzida por estas autoras questiona processos que afetaram a construção das identidades de raça-gênero a partir das formulações acerca destas representações sociais racistas produzidas pelo ocidente e, dessa maneira, não refletindo as experiências identitárias de mulheres em África e na diáspora. Apresentam através da escrita um tipo de resistência negra por meio da afirmação de textualidades negras, no contexto do movimento político afirmado pela Literatura Negra, pelos estudos sobre descolonização do conhecimento, Movimento Feminista Negro, onde a escrita de si representa um modo de produção literária estratégico para a disseminação da cultura afro-brasileira.

### **O Grupo de Leituras e nossas leituras**

Trabalho como professora desde 2008 na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, universidade pública, multicampi, uma das principais responsáveis pela interiorização do ensino superior no estado. O Departamento de Educação no qual atuo, reúne duas licenciaturas e um bacharelado em administração, localizado no município de Serrinha, dentro do Território do Sisal<sup>16</sup>, lugar de grandiosas heranças indígenas e africanas.

---

<sup>16</sup> O Território do Sisal é um dos 27 territórios de identidades do Estado da Bahia constituídos a partir da especificidade de cada região. Localizado no semiárido da Bahia, abrange vinte municípios: Araci, Barrocas, Biritinga, Candeal, Cansanção, Conceição do Coité, Ichu, Itiúba, Lamarão, Monte Santo, Queimadas, Retirolândia, São Domingos, Quijingue, Nordestina, Santaluz, Serrinha, Teofilândia, Tucano e Valente. Nos municípios do Território do Sisal, desde 1960, a sociedade civil se organizou e promulgou diversas experiências de sucesso, como o Conselho Regional de Desenvolvimento Rural Sustentável da Região Sisaleira da Bahia (Codes Sisal), a Associação de Desenvolvimento Sustentável e Solidário da Região Sisaleira (Apaeb) de Valente e a Cooperativa de Crédito de Livre Admissão do Nordeste e Centro Sul da Bahia Ltda. (Sicoob Coopere), por exemplo. No entanto, apesar do noticiado sucesso dessas experiências, o Território do Sisal continua registrando elevados níveis de pobreza, exclusão social e baixo dinamismo econômico. GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. SEPLAN – Secretaria do Planejamento. *Territórios de Identidade*. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso em: 1 nov. 2021.

Desde 2014, integro o grupo de pesquisa TECEMOS, na linha de pesquisa que se dedica a estudos sobre identidades, corporeidades e territorialidades. Na nossa linha de pesquisa, o grupo de estudo sempre foi uma prioridade transdisciplinarizada com os projetos de pesquisa e extensão que nós, professoras, desenvolvemos.

A decisão de ter neste espaço do Grupo de Leitura Encontro de Autorias, uma “varanda” para conversarmos sobre leituras de referenciais múltiplos, a visibilidade dessa dinâmica formativa, nos sobrepondo ao esquema canônico, de certa maneira reforçou o trânsito de rótulos “daquelas do racismo”. A compreensão que regamos durante anos nos desloca para uma leitura sobre esta fala, compreendendo nela o incômodo que pesquisadoras/es negras provocam por darem continuidade ao que as lideranças negras sempre tiveram.

A escolha de assumir esta postura de lideranças negras é compreendida como parte da assunção de nossas autorias, favorecendo deslocamentos psicológicos de esperar, desejar ser aceito, pela academia. Isso é um dos atravessamentos do processo autoral, autodescolonização, “uma batalha inglória e arriscada, se levo em consideração os riscos de ser excluída ou capturada pela lógica do saber institucional”<sup>17</sup>.

O grupo decide criar um circuito de leitura de pensadoras negras. Tomamos como critério para escolhê-las, autoras que nós ouvimos falar ou lemos fora da universidade. Através das professoras e estudantes do curso de Pedagogia, deu Lélia Gonzalez, na cabeça da pule, e o povo da Geografia quis saber mais e melhor sobre quem é Beatriz Nascimento.

A pandemia já dava seus sinais de assombro, mas tínhamos a esperança de nos encontrarmos para iniciar as leituras. Não aconteceu, depois de três meses, começamos a entender que não estaríamos juntas/os de maneira presencial.

As universidades públicas na Bahia decidiram suspender todas as atividades de ensino pesquisa e extensão tendo em vista o avanço da pandemia da Covid-19. Como professoras/es, estudantes itinerantes, não deu tempo de voltar, pegar nossas coisas, coisas de todas as ordens, sobretudo afetivas.

A verdade é que, com o passar dos dias, uma certa indignação foi tomando conta dos nossos corpos, aprisionados pelo doméstico, pela vizinhança com a morte, o risco do não direito

---

<sup>17</sup> MOMBANÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. *Concinnitas*, Rio de Janeiro, ano 17, v. 1, n. 28, p. 341-354, set. 2016, p. 344.

a enterrar pessoas, mudança na forma de viver o luto, isso quando foi, tem sido possível vivê-lo.

Neste contexto inóspito, cheio de imprecisões sobre como fazer uma educação online para cursos presenciais, ausências de equipamento, formação sobre como acessar redes e plataformas, decidimos abolir a moldura disciplinar que se arranjava, e nos arrojamos numa abordagem contextual e transitória, forçando a criação de um espaço-tempo de encontro para a produção de conhecimentos, assumindo a precariedade dele e de tudo o mais.

Assistíamos a uma explosão de expressões artísticas tomarem conta das redes sociais, uma multiplicidade de estratégias indisciplinadas, como sempre nos oferecem as artes. Passamos a nos encontrar para pensar o que e como faríamos para encontrar com as autoras. Nos primeiros encontros discutíamos por que começar e tratando as duas autoras como pessoas próximas (que realmente são!). Decidimos começar por Lélia Gonzalez, tomando o princípio de que antiguidade é posto e de que elas eram amigas, comadres e, assim, a nossa decisão era também um acordo entre elas, uma permissão informada por nossa intuição.

Lélia veio através do Livro Primavera para as Rosas Negras. A obra reúne textos produzidos por Lélia, além de textos de pessoas da família falando sobre ela. A construção coletiva da dinâmica de funcionamento não passou pela criação de qualquer protocolo de ações sobre como ler as obras. Combinamos de passar um tempo com o livro e voltar a nos encontrar.

No retorno, depois da aproximação com a obra, resolvemos começar pelo início, considerando a força das fotografias e dos textos da família apresentando Lélia de lugares muito importantes para olhá-la como autora. Nesse primeiro dia, a principal coisa que apareceu foi como Lélia parecia com nós mesmas ou com alguém da rede de parentesco e vizinhança. Foi um verdadeiro momento: Eu, minha mãe e minha avó!<sup>18</sup>

Uma condução muito frequente na universidade e nas atividades de pesquisa é partir de um texto cujo autor é o outro, o outro que fala de mim. Normalmente homens e mulheres brancas, do sudeste do Brasil, ou estrangeiros americanos, europeus, são pensados como autores “autorizados”. Experimentamos, nos encontros seguintes, conversas, um modo de dar sentido a nossas vidas já que as análises, conceituações de Lélia são visceralmente conectadas com a vida das populações negras, de maneira a nos oferecer lentes para olhar politicamente o

---

<sup>18</sup> Este é o nome de uma vivência, parte da metodologia construída. Lindinalva Barbosa, intelectual, educadora negra e por nós educadoras/es do CEAFFRO, organização negra, na qual trabalhamos durante 16 anos. Nela, textos, poéticas eram escritas, criadas pelas/os estudantes para conversas sobre a história e cultura afro-brasileira e indígena.

presente. Sua abordagem sobre como o racismo constrói as desigualdades que afetam a população negra, em relação à moradia, acesso à educação, saúde trabalho. Pudemos refletir como esse quadro não mudou, apresenta-se de maneira exponencial no contexto da pandemia, destacando a necessidade de reconhecimento de uma consciência racial por meio da linguagem<sup>19</sup>.

A cada texto lido fomos compondo o encontro seguinte, trazendo poéticas, pois as leituras compartilhadas nos faziam pensar em Lélia a todo o tempo, em tudo que vivíamos e nos empurrando a conhecer mais sobre sua vida. Um entrelaçamento entre subjetividade e linguagem, uma empatia vivencial, percurso onde a escrita é uma espécie de sol de mil raios. Este astro, imgeticamente, é tão próximo à imagem da encruzilhada, que um ponto convergente de encontros projeta movimentos, percurso.

Os encontros passaram a ser espaços de desejo pela prática da escrita, uma pluralidade de modos de sentir, agir, pensar a escrita de Lélia Gonzalez. Em muitos momentos o ato de escrever foi percurso de se identificar com o outro/a, sentir com o/a outro/a, desejar o que ele, ela deseja, aprender da maneira como o outro/a aprende.

Com Lélia, sua autoria, o falar de si não é uma atitude individual. O outro, as relações marcam a sua vida, a sua escrita, fazem estar longe de qualquer solidão histórica, cultural, apresentando um repertório vasto de manifestações culturais concernentes à história afro-brasileira e africana.

Foi neste movimento, totalmente tecido no cotidiano de cada encontro de leitura, que resolvemos escrever o livro *Cartas para Lélia Gonzalez*. Essa ideia brotou no meio de um dos encontros, ao conversarmos sobre como falávamos sobre o texto como se conversássemos com a autora. No mesmo momento, tomamos a decisão de reunir as Cartas em um ebook.

Organizamos uma Oficina de Criação Literária<sup>20</sup>, onde discutimos o gênero carta, lemos e conversamos sobre textos escritos neste formato, discutimos aspectos da organização da publicação. Neste momento, estamos nos percursos de escrita das cartas, momento que apresentamos a partir da Micaele Damasceno de Jesus:

De maneira geral, escrever não é fácil, mas é possível, e eu diria que é necessário para continuar resistindo. Por isso, para mim, foi desafiador e ao mesmo tempo prazeroso

<sup>19</sup> GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

<sup>20</sup> A oficina aconteceu em abril de 2021, foi mediado pela professora Mariana Andrade, Doutora/pesquisadora em Literatura e Cultura, Ativista – Associação Abámôdá.

escrever esta carta. Desafiador pelo fato de que eu nunca havia escrito algo assim e isso demandou grandes esforços para conseguir colocar no papel tudo aquilo que ‘os encontros com Lélia’ despertaram em mim. E é exatamente nesse ponto que surge o prazeroso, além dessas experiências que vivi, pude escrever e escrever sobre mim, meus sentimentos e isso de certa forma é libertador e por isso prazeroso. A metodologia foi muito bacana e seguida de uma proposta ousada, escolher autoras negras que abordam temas do nosso interesse, discutir tais obras e escrever nossas impressões e construções foi muito enriquecedor porque possibilitou um contato com nossa ancestralidade e despertou outros interesses formativos com os quais nos identificamos. O diálogo inicial com uma autora negra foi indispensável para que eu pudesse começar a escrever; a partir dos escritos dela, percebi que eu também tinha muita coisa para colocar no papel, é meio que um identificar-se com o que lê e despertar para tudo o que você é capaz. Ainda nessa perspectiva, escrever tem sido uma forma de resistir a todo esse contexto e, como afirma Conceição Evaristo, escrever é uma maneira de sangrar, de se colocar, expressar nossas dores e delícias. Vejam o que conversei com Lélia...

Durante os encontros do Grupo de Leitura as participantes escreveram cartas, dentre as quais escolhi a de Micaele Damasceno, estudante do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação Campus XI, para ilustrar o modo como vimos trabalhando com as escritas negras como forma de emancipação feminina o que acontece como parte de um processo de autoria. A seguir, a carta de Micaele. Minhas considerações a respeito faço no tópico que sucede a este.

### **De mim, por mim, para nós: de mulher, negra, para Lélia, mulher, negra**

De Biritinga-BA, meu lugar de fala, 25 de abril de 2021.

Querida escritora Lélia,

Ao me propor a escrever esta carta, muitas coisas rodearam meu pensar. Eu escrever, como assim? O que se deve escrever, como convém começar? Lembrando que sou universitária, tenho uma escrita acadêmica a zelar, logo, o ideal é fugir da escrita na primeira pessoa. Entretanto, tenho várias experiências pra relatar, memórias que vieram à tona, sentimentos alimentados pela sua escrita, construções de significados e outras coisas mais que se perderiam dentro dessa tal de escrita acadêmica. Tomando você como referência, vou escrever como me convém, de mim, por mim, para nós: do meu lugar de mulher, negra, para você, Lélia, mulher, negra.

Sei que você deve estar se perguntando quem sou eu, então deixa eu me apresentar. Eu sou Micaele Damasceno de Jesus, tenho 21 anos de idade, sou mulher, negra, da classe trabalhadora. Estou cursando Pedagogia em uma universidade pública e integro o grupo TECEMOS, aquele que organizou encontros com você durante alguns meses no ano de 2020,

lembra? Eu não participei desses encontros, mais à frente eu te conto o porquê. Ah, eu assumi meu cabelo crespo no ano de 2017, aos 16 anos de idade. Ao me ver com toda essa beleza, acho que você deve estar dizendo aquilo que disse sobre aquelas jovens negras do carnaval de 78, lembra? Estou parecendo a própria encarnação de Oxum, a deusa da beleza negra.

Bem, não tenho como falar de mim sem me remeter aos meus ancestrais, mainha, mulher negra e só estudou até a 3ª série do ensino fundamental (atualmente 4º ano), meu avô não a deixou estudar pra não aprender fazer carta para namorado. Meu pai, homem negro e só estudou até a 4ª série do ensino fundamental (atualmente 5º ano), ele alega que não gostava de estudar e assim que teve oportunidade abandonou a escola. Eu sou a caçula de mainha e de meu pai, antes de mim veio meu irmão Luciano Damasceno e minha irmã Vanessa Damasceno, respectivamente. Sempre morei com mainha e meu pai, mas possuía e possuo um vínculo afetivo muito forte com vovó e vovô, a mãe e o pai de mainha.

Vou lhe contar um pouco dessa parte da minha história para que você entenda o porquê de eu não ter participado, com o grupo, dos encontros que culminaram na escrita desta carta. Até o ano de 2015, vovó e vovô moravam aqui perto da gente e todos os dias eu os visitava pra saber como eles estavam e ajudar vovó nas atividades de casa porque ela já estava velinha e não tinha mais paciência. Até que nesse mesmo ano, vovó e vovô foram assaltados, os bandidos deram vários tiros na casa, levaram dinheiro, mas eles não sofreram nenhum ferimento físico. Traumatizados, foram forçados a se mudar para a cidade e então resolveram que precisariam de alguém pra fazer comida e cuidar deles, aí eu fui e continuo cuidando deles até hoje. Como você é bem atualidade, você já deve saber que estamos em meio à pandemia da COVID-19 e aí temos que ficar em casa, principalmente quem tem velhinhos em casa. Nossas atividades têm acontecido virtualmente, com isso, os encontros que organizamos pra falar com você aconteciam uma vez por semana no finalzinho da tarde, como eu estava cuidando de vovó e vovô, nesses horários eu sempre estava fazendo alguma coisa pra eles e não dava pra conciliar, tive que priorizar o cuidado para com eles. Mas mesmo assim eu conversava com você, lembra? Não tinha uma rotina, mas sempre que dava a gente trocava algumas ideias altas horas da noite, que era o momento que meus velhinhos dormiam e o silêncio reinava aqui em casa.

Então, agora que eu já me apresentei, já justifiquei minha ausência nos encontros do grupo e você já sabe bastante sobre mim, vamos retomar nossos diálogos sobre seus escritos? Primavera para as rosas negras. Vou iniciar te revelando mais algumas coisas que vão de encontro a seus escritos, mais especificamente ao livro que mencionei anteriormente. Como eu venho de família pobre, já te falei isso, eu cresci com mainha falando que eu tinha que estudar

pra ser gente e como menina obediente, fiz isso, estudei, sempre fui muito dedicada e não me arrependo. Por algum tempo acreditei que pra mudar esse cenário de desigualdade e discriminação bastava que eu fizesse a minha parte, me dedicasse, como se dependesse apenas de mim. A gente que mainha falava era estudar, ter um emprego, uma casa, ser independente, e estaria tudo resolvido, sabe?

Seguindo esse objetivo de ser gente, cerca de um ano após concluir o ensino médio, ingressei na Universidade, era a realização de um sonho e mais um passo rumo ao objetivo que carregava desde a infância, “ser gente”. Mantive esse objetivo vivo por algum tempo até encontrar-me com algumas de nós. Mulheres, negras e que assim como você contribuíram para a formação da consciência de que a mulher, negra, pobre também já nasce sendo gente. Aqui não estou menosprezando a educação, longe disso, quero dizer que nossas identidades vão se construindo a partir de nossas vivências e devemos, antes mesmo de adentrar os espaços escolares, valorizar quem somos para que a educação escolar não contribua para que nos percamos de vista. Como você mesma diz, para que não nos deixemos ser tomados pela “arte do embranquecimento” e pela lavagem cerebral.

Eu percebi que esse ser gente que minha mãe tanto falou, sem ter consciência, escondia um outro significado, este dizia respeito à eu deixar de ser eu mesma, negar minhas raízes, minha identidade, sabe? Não foi fácil desconstruir tudo isso dentro de mim, mas graças a mulheres como você que ousaram escrever literatura de verdade que fala de mim, sobre mim e para mim eu pude me re-encontrar, reconhecer e revalorizar. Aqui destaco mulheres como bell hooks, Chimamanda, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, e não poderia deixar de citar minha professora que por meio das aulas de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena me “iniciou” neste caminho e a quem tenho enorme admiração, Isabelle Sanches Pereira.

A partir daí, eu percebi e através do livro primavera para as rosas negras, que não faz sentido estudar pra ser gente. Você concorda comigo, né? Falar isso é reforçar que nós, mulheres, negras, pobres não somos gente e só seremos quando e se estudarmos; será? Eu percebi que ser gente de verdade vai além de ter estudo, é me reconhecer enquanto mulher, negra, pobre, valorizar minhas identidades, mesmo que eu pague aquele preço que você fala, de que ser mulher, negra e pobre é fazer parte do grupo de muitas de nós que somos vítimas da tríplice discriminação (social, racial e sexual).

Porque assim, tanta gente estuda e não sabe ser gente, é “gente” que nos humilha, nos maltrata e é indiferente. Fazendo-nos fugir de nós mesmos pra poder ser “gente”, como se

fossemos inferiores. Lendo seu livro, aprendi ainda que deveria usar meu lugar de fala pra falar, mas não é falar qualquer coisa. É usar minha escrita pra falar de mim e não emprestar minha fala, minha escrita pra alimentar o sistema que me oprime e reprime, é resistir. Por isso estou aqui, escrevendo, falando de mim para ti, de nós, mulheres, negras, pobres e resistentes.

Gosto da palavra resistência porque ela nos contempla, primeiro que expressa nossas lutas que não são recentes e foge de falsas histórias que contam da gente. E nos remete a nossas ancestrais como a mãe-preta que você traz de maneira brilhante, evidenciando a importância desta, de nós e de tantas mulheres negras para a construção desse Brasil e para a propagação da nossa cultura embora mesmo com todas as nossas contribuições não somos valorizadas, mas seguimos lutando e resistindo.

Sabe Lélia, eu andei conversando com Carolina Maria de Jesus também e percebi que seus escritos dialogam bastante com os dela. Em situações diferentes, mas eu consigo me encontrar em ambos. Quando você vem trazendo a relação do racismo com o capitalismo e aborda que aquele é um problema muito mais antigo e encontra-se encucado nas pessoas, me remete a nossa situação neste contexto de pandemia no qual muitas pessoas estão sofrendo e encontramos uma maioria que é afetada mais perversamente, você já sabe a quem me refiro, né? Você acredita que uma pesquisa realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (Rede Penssan) revelou que cerca de 19 milhões de pessoas passaram fome durante a pandemia do coronavírus no Brasil? Este é um dado que nos assusta, mas, vale salientar que isso foi potencializado pela pandemia, não é uma questão recente, é algo que já deveria ter sido resolvido há muito tempo, mas não foi e nós sabemos por quê. Quanto a isso eu dialogo com alguém que tem propriedade pra falar desse assunto, Carolina Maria de Jesus (que inclusive, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) lhe concedeu o título de Doutora Honoris Causa em fevereiro deste ano). Já em sua obra “Quarto de Despejo: Diário de uma favelada”, publicado em 1960, ao escrever sobre seu dia a dia, ela também denunciava a fome e as péssimas condições de vida das pessoas que moravam na favela, lugar onde a fome tem a sua matriz, “quarto de despejo” onde certamente encontraremos as nossas e os nossos, mulheres, homens, crianças, negras (os), pobres.

Gostaria de falar muitas coisas pra você, mas não é possível, porém, não poderia finalizar esta carta sem lhe agradecer por tudo que você representa para nós, mulheres, negras, pobres, por seus escritos tão verdadeiros, transformadores e precisos que continuam a nos inspirar, minha sincera gratidão! São mulheres como você que nos inspiram a continuar essas lutas. Portanto, seguimos e sigamos resistindo aos ideais da branquitude a fim de que tenhamos

“voz, vez, lugar”. E nós, rosas negras, desabrochemos, floresçamos e exalemos nosso perfume de mulher negra.

A você, Lélia, mulher, negra, escritora, símbolo da resistência literária. Com muito carinho e admiração.

### **De mulher negra para mulher: reflexões sobre as Cartas para Lélia Gonzalez**

“Por uma metodologia indisciplinada e maliciosa.  
E que não deixe de ser desleal ao cânone acadêmico.”<sup>21</sup>

Para nós, mulheres negras, escrever é se apossar da arte para dar visibilidade a nossas histórias e, com isso, também, ter a possibilidade de fazer migrar fatos escondidos no privado para o mundo público. A escrita é como um megafone da alma...<sup>22</sup>

Parece natural pensar a escrita sobre a vida privada como uma atividade feminina, já que, ainda hoje, continuamos tantas vezes encarceradas nesse espaço. Mas os nossos relatos sobre a vida pessoal dificilmente são transformados em obras de alcance público, já que, no Brasil, o ler, o escrever e, ainda mais, o publicar, ainda são práticas comuns aos homens e mulheres brancos/as e aos espaços acadêmicos.

Na escola, na universidade, circulam diversos conhecimentos, modos e usos da escrita para comunicar e nos relacionar com as outras pessoas; assim, de lá sai parte do como a escrita é usada para dizer e dar forma ao mundo. Esses espaços são territórios de letramentos, o que configura sua responsabilidade institucional de ensinar crianças, jovens, adultos, idosos a ler e a escrever, considerando a capacidade, os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios determinados<sup>23</sup>.

Ao falar de circulação, estou pensando no que chega à escola, antes mesmo da primeira intervenção pedagógica. A função da escola, portanto, é operar com a complexidade dos diversos processos de letramento que todas as pessoas vivenciam. Contudo, nem todas as identidades são vistas igualmente na escola. Por exemplo, a pessoa negra é, por vezes, não

<sup>21</sup> MOMBAÇA, 2016, p. 344.

<sup>22</sup> PEREIRA, 2018.

<sup>23</sup> STREET, Brian. What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current issues in Comparative Education*, [New York], v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003. Disponível em: [http://www.tc.columbia.edu/cice/pdf/25734\\_5\\_2\\_Street.pdf](http://www.tc.columbia.edu/cice/pdf/25734_5_2_Street.pdf). Acesso em: 15 maio 2021.

considerada como sujeito de escrita e, muito menos, da escrita literária, noção relacionada, ainda, à oposição binária entre oralidade e escrita, que as situa, de maneira evolucionista, cita oralidade como forma de expressão inferior à escrita e natural da população negra<sup>24</sup>.

A literatura escrita por mulheres negras causa, dessa forma, uma “fratura identitária”<sup>25</sup> nas concepções de autoria e de literatura que têm como prisma parâmetros oficiais da literatura brasileira. A escrita é voz de denúncias de discriminações, cultura, ao colocar desafios às estruturas do cânone literário ocidental. O próprio conceito de “cânone” tem sido questionado, uma vez que ele nasce e se desenvolve atrelado às estruturas de poder que exercem domínio sobre o conhecimento, associados a ideologias machistas e racistas, determinando o que deve ou não ser considerado pertencente ao conjunto de obras que o formam.

Considero que a universidade é um espaço onde precisam acontecer questionamentos sobre: que tipo de escrita é legítima? Quais modos de escrever são acadêmicos? Com estas questões, diretamente ligadas às autorias, nos deparamos com naturalizações nas políticas de citação institucionalizadas pelo racismo, sexismo, xenofobias, também com as supostas regularidades e rigores, decorrentes de protocolos acadêmicos. Ao pensar as autorias numa perspectiva de encruzilhadas, encontramos esses discursos atravessando os nossos saberes-fazer, subjetividades com a “autoridade” de métodos estabelecidos responsáveis pelo controle dos afetos.

Dessa maneira o que acontece nos encontros dos processos de autorias e este tipo de funcionamento das instituições educacionais? A função da escola, universidade é formar sujeitos leitores/as, escritora/es mas, de que maneira é possível romper com modos de inteligibilidade já postos sem violentar a própria compreensão, sem atentar contra os modos estabelecidos que marcam o que é a normalidade?<sup>26</sup>

Muitas e muitas vezes ouvimos de estudantes da graduação falas que apontam dificuldades em relação à leitura e à escrita. Para Flores<sup>27</sup>, a dificuldade de compreensão tantas vezes reclamada pode não estar no objeto em si, mas sim nos regimes de leitura vigentes que demandam a produção de sentidos aptos para um consumo imediato e sem contrariedades. Sem

---

<sup>24</sup> SOUZA, Florentina. *Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões*. 2003. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

<sup>25</sup> LIMA, Maria N. Mota de. *Identidades e cultura afro-brasileira: a formação de professoras na escola e na Universidade*, 2007. 221 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007, p. 46.

<sup>26</sup> FLORES, Valeria; MURGAS, Tomás Henríquez; FUENTES, Jorge Díaz. *Desmontar la lengua del mandato, criar la lengua del desacato*. Santiago de Chile: Colectivo Utópico de Disidencia Sexual (CUDS), 2014, p. 24.

<sup>27</sup> FLORES, 2014.

contrariedades não há mentes e corpos livres e em condição de expressar seus percursos de autoria, encruzilhadas autorais.

A educação é uma necessidade, direito irremediável, do qual não abrimos mão. Assim, a ideia é cada vez mais estar e permanecer na escola, na universidade e, desse lugar, descolonizar pensamentos e corpos, conjuntamente<sup>28</sup>. A prática de descolonizar passa pelo reconhecimento de como a universidade é responsável sobre os discursos ligados à invenção de outros mundos, a partir de heranças epistemológicas herdadas de disciplinas como a antropologia que Curiel<sup>29</sup> chama de “outrológica”, quer dizer, pesquisar os outros. Segundo a autora, esses outros são os marcados pelo racismo, esses outros que são considerados outros na modernidade ocidental: as pessoas negras, as pessoas indígenas, as mulheres empobrecidas, o outro urbano. Para ela, esse método que a antropologia propõe como etnografia, também, me serve para estudar o poder, a dominação ou a hegemonia.

Partindo dessas ideias, interessa-me pensar em modos de fazer pesquisa, escrever, que entrecruzem os processos autorais a partir de reflexões sobre esses atravessamentos que tentam impedi-las como possíveis. Para isso, considero que um percorrer relevante nessa encruzilhada são os interessados em uma metodologia que nos permita experimentar fugir de modelos legitimadores dessa dinâmica, “organização acadêmica”. Metodologias onde correr riscos, refazer percursos seja próprio do pesquisar, escrever. Caminhos metodológicos onde as autorias se manifestem e não tenham medo de parecer erros diante dos esquemas institucionais, por primar pela criatividade, afetos, subjetividades sem medo do fracasso diante do que a universidade espera de nós (na maioria das vezes espera que não façamos!).

## Referências

AGAMBEM, G. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução de Vinicius Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2013.

DONINI, A. Escritos. In: LESSA, P.; GALINDO, D. *Relações multiespécies em rede: Feminismos, animalismos e veganismos*. Maringá: EDUEM, 2017.

---

<sup>28</sup> DONINI, A. Escritos. In: LESSA, P.; GALINDO, D. *Relações multiespécies em rede: Feminismos, animalismos e veganismos*. Maringá: EDUEM, 2017.

<sup>29</sup> TEIXEIRA, Analba Brazão; SILVA, Ariana Mara da; FIGUEIREDO, Ângela. Um diálogo decolonial na colonial cidade de Cachoeira/BA. Entrevista com Ochy Curiel. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 3, n. 4, p. 106-120, out./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/24674/15431>. Acesso em: 2 nov. 2021.

FLORES, Valeria; MURGAS, Tomás Henríquez; FUENTES, Jorge Díaz. *Desmontar la lengua del mandato, criar la lengua del desacato*. Santiago de Chile: Colectivo Utópico de Disidencia Sexual (CUDS), 2014.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 2009.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. SEPLAN – Secretaria do Planejamento. *Territórios de Identidade*. Disponível em: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso em: 1 nov. 2021.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, São Paulo, p. 223-244, 1984.

GUERRA, Sergio. *Lá e Cá: um encontro de São Paulo com São Joaquim*. Salvador, BA: Maianga, 2006.

IPEAFRO – Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros. Disponível em: <https://ipeafro.org.br>. Acesso em: 1 nov. 2021.

LIMA, Maria N. Mota de. *Identidades e cultura afro-brasileira: a formação de professoras na escola e na Universidade*, 2007. 221 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: O reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. *Concinnitas*, Rio de Janeiro, ano 17, v. 1, n. 28, p. 341-354, set. 2016.

NASCIMENTO, Abdias. *Axés do sangue e da esperança (orikis)*. Rio de Janeiro: Achiamé/RIOARTE, 1983.

PEREIRA, Isabelle Sanches. *“Onde eu me acho no direito de escrever”*: reflexões sobre obras literárias de autoria de mulheres lideranças religiosas do candomblé e sua inserção na escola. 2018. 271 f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

RUSHDIE, Ahmed Salman. *Os versos satânicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SOUZA, Florentina. *Literatura Afro-Brasileira: algumas reflexões*. 2003. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf>. Acesso em: 22 maio 2021.

STREET, Brian. What’s “new” in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice. *Current issues in Comparative Education*, [New York], v. 5, n. 2, p. 77-91, 2003. Disponível em: [https://www.tc.columbia.edu/cice/pdf/25734\\_5\\_2\\_Street.pdf](https://www.tc.columbia.edu/cice/pdf/25734_5_2_Street.pdf). Acesso em: 15 maio 2021.

TEIXEIRA, Analba Brazão; SILVA, Ariana Mara da; FIGUEIREDO, Ângela. Um diálogo decolonial na colonial cidade de Cachoeira/BA. Entrevista com Ochy Curiel. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, Salvador, v. 3, n. 4, p. 106-120, out./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/24674/15431>. Acesso em: 2 nov. 2021.